

## Relação Professor/Aluno

*Salua Helena Abdalla Belotti*<sup>1</sup>  
*Moacir Alves de Faria*<sup>2</sup>

### **Resumo**

Neste trabalho se busca uma discussão que tem como ponto inicial entender, a partir da LDB e dos Parâmetros Curriculares Nacionais, as mudanças ocorridas no ensino-aprendizagem, ligadas ao relacionamento de professores e alunos. A necessidade de repensar a prática escolar tem se mantido constante. Apesar das várias propostas existentes no âmbito da Educação, percebe-se que os resultados continuam insatisfatórios.

**Palavras-chave:** Formação, prática reflexiva, trabalho interdisciplinar, valorização.

### **1. Introdução**

A formação dos professores e o seu relacionamento com os alunos tem sido largamente discutida, estudada, pesquisada e exposta à luz de teorias das mais diversas. A principal relevância deste artigo é a possibilidade de analisar o que mudou, ou se mudou, no ensino-aprendizagem, dentro da sala de aula e o que precisa ser modificado.

Percebe-se, de uma maneira geral que, os professores estão descontentes com sua profissão, e, portanto, não vão além do que passar os conteúdos do currículo que lhes foi apresentado. Observa-se também que a indisciplina impera nas salas de aula, não há respeito do aluno com o professor e este não se preocupa com o aluno. Não se preocupa se ele está adquirindo conhecimentos ou não. Muita coisa mudou, mas muita coisa ainda precisa ser analisada e modificada. Parece-nos que o grande desafio dos educadores está em reverter a relação de desencontros, de conflitos e de pré-conceitos estabelecidos entre a escola, os professores e os alunos.

De acordo com Aquino (1996, p. 34), a relação professor-aluno é muito importante, a ponto de estabelecer posicionamentos pessoais em relação à metodologia, à avaliação e aos conteúdos. Se a relação entre ambos for positiva, a probabilidade de um maior aprendizado aumenta. A força da relação professor-aluno é significativa e acaba produzindo resultados variados nos indivíduos.

---

<sup>1</sup> Aluna do Curso de Pedagogia da Universidade Nove de Julho – UNINOVE.

<sup>2</sup> Mestre em Educação pela Universidade de Sorocaba. Professor Orientador.

Na abordagem Tradicional o ensino era centrado no professor. O aluno aprendia com programas e disciplinas externas, dos quais ele tinha de adquirir conhecimentos impostos mesmo contra sua vontade. Saviani (2001, p. 41), por exemplo, sugeria que o papel do professor era garantir que o conhecimento fosse obtido, independente do interesse e vontade do aluno.

Muitas escolas ainda seguem essa abordagem, no entanto, a nossa LDB é bem clara quanto às mudanças. O conhecimento é considerado uma construção contínua. A educação resume-se em provocar situações de desequilíbrio para o aluno, adequado ao seu desenvolvimento, para que ele aprenda a interagir nessa situação.

O objetivo disso é que ele aprenda, por si mesmo, a conquistar a verdade de toda e qualquer situação. A escola começa ensinando à criança a observar, desenvolvendo suas potencialidades motoras, verbais e mentais, trabalhando em grupos, dando-lhes liberdade de ação.

O artigo tem como objetivo geral apresentar reflexões sobre a relação professor/aluno analisando as mudanças ocorridas nos processos de ensino-aprendizagem.

Em um mundo marcado pela pluralidade, existe acentuada tendência a se encarar a vida social como um sistema, no qual se considera que as relações construídas são sempre produtoras de significação.

Se a escola tem como objetivo a integração dos indivíduos na sociedade, deve-se procurar fazer com que as crianças sintam-se aptas a captar os ensinamentos. No entanto, o que se tem visto ultimamente são apenas os professores passarem seu conhecimento, sem se importar com a realidade do aluno. Isso acaba prejudicando àqueles alunos que vem, por exemplo, de periferias ou de outras localidades onde a realidade é diferente. Sendo assim, essas crianças têm maior dificuldade em aprender e se comunicar. Nesse caso, percebe-se o desinteresse do professor em refletir sobre seu papel e o conteúdo que propôs.

Na atualidade, é impossível falar em qualidade de ensino, sem falar da formação do professor, pois são questões que estão intimamente ligadas. Antigamente, terminada a graduação, os professores atuavam da mesma maneira até o resto da vida. Não existia reciclagem, a maneira de lecionar era uma só. Passavam-se os conteúdos, o conhecimento que eles tinham adquirido e pronto. Não havia questionamentos por parte dos educandos e nem mesmo uma relação de amizade entre eles. O professor era o poder. O aluno apenas obedecia. Hoje a realidade é

diferente, a formação do professor é permanente, e é integrada no seu dia-a-dia nas escolas. Logo, o professor, segundo Snyders (1996, p. 21), não deve abster-se de estudar, se atualizar, senão não irá conseguir passar o prazer de aprender para seus alunos.

Segundo Nóvoa (2002, p. 23), *“o aprender contínuo é essencial, se concentra em dois pilares: a própria pessoa, como agente, e a escola, como lugar de crescimento profissional permanente”*. Portanto, deve haver sempre a formação continuada que se dá de maneira reflexiva e busca a melhor maneira para a aplicação do conhecimento e do saber.

Estudos têm apontado que existe a necessidade de que o professor seja capaz de refletir sobre sua prática e direcioná-la segundo a realidade em que atua, voltada aos interesses e às necessidades dos alunos, buscando novos caminhos para tornar o aprendizado um desafio estimulante para cada um.

Freire (1996, p.43) afirma que: *“pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem é que se pode melhorar a próxima prática”*. Mas de acordo com Schön (1997, p. 21), *“existem situações conflitantes, desafiantes, que a aplicação de técnicas convencionais, simplesmente não resolve problemas”*.

Isso não significa que se devem abandonar todas as técnicas aprendidas nos cursos de graduação, no entanto, deve-se acrescentar a essa prática o que se aprende no cotidiano escolar, pois sempre existirão situações conflitantes e o professor deve estar apto para solucioná-las.

Para Nóvoa (1997, p. 27):

*“as situações conflitantes que os professores são obrigados a enfrentar (e resolver) apresentam características únicas, exigindo, portanto características únicas: o profissional competente possui capacidades de autodesenvolvimento reflexivo (...) A lógica da racionalidade técnica opõe-se sempre ao desenvolvimento de uma práxis reflexiva”*.

Segundo esse autor, para ser um bom profissional devem-se planejar estratégias, com criatividade, para resolver os problemas que vão surgindo na escola, no dia-a-dia. Para ele, esses professores devem combinar a ciência, a técnica e a arte. Nesse caso, devem-se criar mecanismos na escola, condições de trabalho em equipe, dirigidas ao desenvolvimento do interesse do aluno para o aprendizado.

## 2. O Professor Reflexivo

O professor deve ser um facilitador do processo de ensino-aprendizagem junto ao aluno, em todo o contexto no qual ele está inserido, e estar em atualização continuada mediante as mudanças que ocorrem no mundo globalizado de hoje.

Pilão (1998, p.15) esclarece que, quando ocorre a aprendizagem reflexiva, o educando articula o que aprendeu e reflete sobre os processos e as decisões que foram adotadas pelo processo, partindo daí um entendimento com mais capacidade de transferir aquele conhecimento que construiu. A aprendizagem é colaborativa, os alunos trabalham com naturalidade na construção do conhecimento, da comunidade, explorando as habilidades de cada um, enquanto fornecem apoio moral, modelam e observam as contribuições de cada membro envolvido no processo.

Ao insistir em conteúdos "cientificamente" estabelecidos, a escola acaba por se afastar da realidade concreta, tornando o estudo sem sentido para a maioria dos alunos. Contribui para a evasão escolar, sobretudo dos alunos mais pobres e dos alunos trabalhadores. (ARROYO, 1998).

O que aqui se pretende demonstrar é que o aluno deve aprender os conhecimentos novos, porém, esse conhecimento deve trazer em pauta todos os aspectos marcantes da educação que recebeu.

Há pouco tempo, portanto, e ainda presente em muitos estabelecimentos de ensino, o ensino e aprendizagem, eram consideradas ações distintas de mundos distanciados, sendo um dominante e o outro dominado; algo que representava uma prática pedagógica tradicional autoritária, impositiva. Era centrada no professor que ensinava, sem dar asas aos educandos para que pudessem mostrar interesse, saber, criatividade e, principalmente, sem mesmo poder questionar.

Todo educador apresenta-se como uma referência para a formação dos educandos e, é muito importante a maneira como se relaciona com eles. A forma de contato é fundamental para que se sintam inteligentes e capazes. *"Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão da prática"*. (FREIRE, 1991, p. 58).

Não há como esperar que as pessoas ajam da mesma forma, tenham a mesma atitude diante de um mesmo fato. A cada experiência vivida, a cada conhecimento aprendido vamos nos dando conta de nosso papel como pessoa no mundo, re-

significando a nossa presença, o nosso motivo de existência, adquirindo uma nova consciência, ampliando a nossa esfera de *presença de ser*. (COELHO, 2001)

*“O professor autoritário, o professor licenciado, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca”. (FREIRE, 1996, p.73).*

Segundo Freire (1996, p.77), “toda prática educativa demanda a existência de sujeitos, um, que ensinando, aprende, outro, que aprendendo ensina”. Isso significa que deve haver a interação entre o ensino e a aprendizagem e que, a educação provém da relação entre professor e aluno.

O professor tem que criar situações propiciando a aquisição de conhecimento e habilidades de seus alunos, chegando assim até eles. Deve criar situações onde o aluno deverá testar todas suas habilidades motora, física, verbal, mental, social, emocional, para que ele se sobressaia de qualquer situação.

A prática educativa, segundo o mesmo autor (idem, p. 79), não é neutra, pois, qualquer que seja a postura do educador, ela será o reflexo de sua posição política, seja ela de neutralidade, de concordância, de pragmatismo, seja ela de luta, de não acomodação, de progressismo.

A intenção da nova prática educativa, na qual se dá importância ao relacionamento entre educadores e educandos, é criar condições para que os alunos se tornem pessoas que pensem bem, e busquem conhecimento por si próprios.

Na sua prática pedagógica o professor também aprende com o aluno. Para Freire (1996, p.124), *“a capacidade do educador de conhecer o objeto refaz-se, a cada vez, através da própria capacidade de conhecer dos alunos, do desenvolvimento de sua compreensão crítica”*.

De acordo com Dewey (1971, p.6), essa maneira de ensinar cria uma distância entre o saber do professor e o saber da criança, o que faz com que o educando não encontre conexões, por exemplo, entre significados de palavras novas e antigas, impedindo qualquer participação mais ativa dos alunos no desenvolvimento do que é ensinado.

Pilão (1998, p. 20) também destaca a importância da participação do educando, esclarecendo que o papel do aluno não pode ser passivo, com a simples ação de anotar, memorizar e reproduzir um saber sem questionamentos. E, segundo a autora,

o educador não pode ser apenas mero expositor de conteúdos, cobrando a reprodução exata do saber transmitido, pois enfatiza que a aprendizagem exige participação ativa dos sujeitos que interagem.

O educador deve auxiliar os educandos a utilizar os conhecimentos que adquiriram, por isso, deve utilizar estratégias para que eles contem coisas pessoais e opinem sobre os acontecimentos. Segundo Pilão (1998, p.20), “o aluno traz consigo um enorme arsenal de conhecimentos, elaborações, valores, inteligências, adquiridos antes da fase escolar”.

De acordo com Dewey (1971, p. 9) essa relação deve servir para desconstruir o ambiente de forma que todos sejam respeitados em suas diferenças, fazendo com que todos participem das atividades propostas. Dessa maneira, com o pensamento autônomo e crítico, o educando participa da construção da sociedade.

Pilão (1998, p. 20) também entende que esse conhecimento é construído socialmente e, que o educador, dessa forma, preparará o ambiente para que desenvolva habilidades cognitivas no aluno, respeitando seu desenvolvimento individual e ultrapassando dificuldades que os alunos possam presenciar em determinadas situações.

*“O professor precisa ser um aprendiz ativo e cético na sala de aula, que convida os alunos a serem curiosos e críticos... e criativos”.* (FREIRE, 2007, p.19)

Assim, como se pode notar, não se encaixa um indivíduo que ensina e um indivíduo que aprende, ou seja, de um lado alguém que é dono do saber, e, de outro lado, alguém que não é capaz de pensar sem a ajuda de outros, alguém que se coloca como mero receptor de mensagens transmitidas pelos "donos" da informação.

### **3. O Despreparo do Educador**

Entende-se que educar ou ensinar com entusiasmo é fator determinante no processo de aprendizagem. No entanto, muitos professores relatam que têm dificuldades para interagir com o aluno. Nesse sentido, Veiga (1998, p. 47), esclarece que há realmente despreparo do corpo docente para lidar com diferenças e limitações dos educandos. Segundo a autora, existem diferentes ritmos de aprendizagem e os educadores devem incorporar as necessidades de grupos específicos de educandos. Essa não é a tônica das capacitações oferecidas aos educadores, mas deveria ser.

Falta diálogo entre educadores e educandos. Pode-se considerar que o diálogo é fundamental para qualquer tipo de relacionamento. No caso do ensino e

aprendizagem é fundamental que o educador se volte ao educando, de forma que o enxergue como um sujeito que vem já com muitos saberes, mas no seu contexto de vida.

Compreender esse mundo individualizado do educando dará ao professor subsídios para seu trabalho em sala de aula, uma vez que esse mundo irá influenciar sobremaneira o modo como os alunos construirão os conteúdos escolares.

O diálogo professor-aluno torna-se fundamental na mediação dos conhecimentos, pois essa proposta não se baseia em comandos e em repetições mecânicas. O professor deve envolver-se na mediação dos conhecimentos, não se limitando a uma simples troca de idéias, pois as relações sociais incidem sobre o processo de ensino-aprendizagem.

Rocha (2004, p. 70) acredita que em uma educação dialógica o papel principal do educador é ser o facilitador da aprendizagem, dialogando e desafiando o aluno a pensar, a criar, a fazer conexões significativas entre os conteúdos disciplinares estudados e as suas experiências de vida.

No entanto, é necessário ter limites. Nada anda sem esses limites. Zagury (1999, p.9) acredita em uma relação de amizade entre educador e educando, mas também defende a hierarquia, onde cada um deva exercer seu papel.

Segundo esta autora, não é fácil ser professor, muitas vezes os problemas começam na própria casa do educando, *“onde os pais não procuram ter uma relação afetiva com os filhos, nem demonstram nem um ou pouco interesse com as “descobertas” educacionais do filho, ou seja, nem um interesse com a educação”*.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), a intervenção do educador precisa, então, garantir que o aluno conheça o objetivo da atividade, situe-se em relação à tarefa, reconheça os problemas que surgem, e que seja capaz de resolvê-los.

Para tal, é necessário que o educador proponha situações didáticas com objetivos claros, para que os alunos possam tomar decisões. Deve-se conhecer o aluno a fim de poder oferecer atividades que estejam de acordo com o seu desenvolvimento, ou seja, não se pode trabalhar com graus muito elevados ou muito baixos de complexidade, pois isso pode não contribuir para a reflexão e o debate. Os educando devem poder realizar as atividades em uma situação desafiadora.

Para Nogueira e Pilão (1998, p. 19), na relação de aprendizagem, o papel do aluno não pode ser passivo, com a simples ação de anotar, memorizar e reproduzir um

saber sem questionamentos; em contrapartida, o educador não pode ser apenas mero expositor de conteúdos, cobrando a reprodução exata do saber transmitido. Ou seja, sem ter que se preocupar e recebendo tudo pronto, não sendo incentivado a problematizar e nem sendo solicitado a questionar ou fazer relação do que aprende com o que já conhece.

Mas assim como o currículo considera para o aluno o que ele necessita aprender e para viver no mundo com autonomia, para o educador existem critérios a serem considerados também. Há saberes mínimos que são inerentes à formação técnica daqueles que se fazem professores, além de educadores – pois, assim o somos todos.

Um educador que deseje ser professor, não o será apenas porque ocupa essa função em uma sala de aula. Ensinar exige um saber metodológico, através do qual os conteúdos serão tratados de forma a permitir o aprendizado destes pelos alunos; exige estar atento às questões políticas e sociais que envolvem o seu fazer, sua profissão; exige conhecer o seu objeto de estudo: a educação e como ocorre o processo de aprendizagem do seu aluno; exige conhecer os problemas que permeiam a sua prática; exige dedicação, comprometimento, conhecimento e, acima de tudo, respeito e trabalho, muito trabalho.

#### **4. A Metodologia da Interdisciplinaridade**

Segundo Gusdorf (1978, p. 13), *"quanto mais se desenvolvem as disciplinas do conhecimento, diversificando-se, mais elas perdem o contato com a realidade humana"*. Esse autor, expressa claramente que a interdisciplinaridade, como fornece maior flexibilidade entre todas as disciplinas, pode representar uma alternativa para tentar estabelecer o diálogo do educando e do educador, ou seja, entre o saber cotidiano e o saber formal.

Ele é a favor de que ideais interdisciplinares não se limitem ao ambiente da escola e ao seu ensino. Essas concepções não devem ser impostas, devem iniciar-se dentro da escola, sem deixar de englobar os ambientes externos.

A interdisciplinaridade pedagógica é, portanto, uma elaboração a partir da relação de todos os envolvidos da escola, principalmente a relação professor-aluno que permite a atualização de todo o processo de ensino-aprendizagem. Sendo assim, o professor é o principal agente de mudança na direção de uma visão global do currículo escolar, já que ele, mesmo em uma concepção que entenda que o conhecimento se dá



no interstício do seu discurso com o do aluno, preside o processo e o desenvolvimento dessa relação (FAZENDA, 1999, p. 92).

Todas as instituições requerem, assim, reflexões sobre seus conceitos de formadoras perante o vínculo do contexto social, não se restringindo ao currículo formal. Portanto, as instituições escolares teriam o papel de fornecer aos alunos condições de lidar com as informações e tecnologias, ampliando seus conhecimentos e fazendo possível o diálogo com outras culturas e realidades diferentes da sua, sem julgamento, evitando discriminações e preconceitos futuros.

Os professores que não medem esforços para levar os seus alunos à ação, à reflexão crítica, à curiosidade, ao questionamento e à descoberta acabam sendo obrigados a isso, a exercer realmente o papel que lhes é cabido. Os educadores “despreparados”, dessa forma, obrigam-se a respeitar o desenvolvimento do aluno através de suas experiências de vida, idade e desenvolvimento mental.

Se por um lado é importante essa relação de confiança, empatia e respeito entre professor e aluno para um bom ensino-aprendizagem, por outro, os educadores não podem permitir que tais sentimentos interfiram no cumprimento ético de seu dever de professor.

## **5. O Papel do Aluno**

È bom lembrar que, a responsabilidade não se enquadra mais somente encima do educador. Alguns educadores, considerados mais conservadores, devem repensar suas ações, reorganizar-se, mudar sua forma de agir e sua visão do papel do aluno no processo educativo.

Não se deve pensar, de acordo com Pilão (1998, p. 25) que o aluno, devido ao fato de ser considerado o centro do processo, deva ser deixado em total liberdade para fazer o que bem entender, sendo o professor relegado à posição de mero observador e não de interventor da aprendizagem.

Para Perrenoud (2000, p. 46), a escola passa a ser um lugar onde o educando tem direito a ensaios e erros, onde expõe suas dúvidas, explicita seus raciocínios e toma consciência de como se aprende, permitindo tornar visíveis os processos, os ritmos e os modos de pensar e de agir. A aprendizagem inclui projetos de situações-problema, que fazem com que o aluno participe em um esforço coletivo para elaborar um projeto e construir novas competências. Pede-se a ele que, de alguma maneira, em

seu ofício de aluno, torne-se um prático reflexivo.

Em muitas situações o professor não terá como se guiar somente por critérios técnicos, pré-estabelecidos, ele terá que utilizar critérios de acordo com aquilo que se apresenta.

Segundo Behrens e José (2001, p.16), todos os educadores devem saber que necessitam discutir e dar ciência aos educandos sobre seu contrato didático, aceitando sugestões de melhoramento e contribuições significativas dos alunos, especialmente por entender que o interessado em aprender a aprender é o aluno. Além disso, o papel do docente é o de articular o saber elaborado à produção do conhecimento do aluno.

Para Libâneo (1991, p. 54):

*“aprender é um ato de conhecimento da realidade concreta, isto é, da situação real vivida pelo educando, e só tem sentido se resulta de uma aproximação crítica dessa realidade. Portanto o conhecimento que o educando transfere representa uma resposta à situação de opressão a que se chega pelo processo de compreensão, reflexão e crítica”.*

O importante é que o aluno consiga compreender aquilo que o professor transmite, que pense, e que, com isso, consiga criar, questionar e principalmente, se pronunciar, seja contra ou a favor daquilo que lhe é exposto. Dessa forma surgem os cidadãos que futuramente podem transformar seu país, podendo participar das questões políticas e econômicas, exercendo seus direitos. O professor, por sua vez, torna-se um cidadão também evoluído, atualizado e transforma-se também em aprendiz de seus alunos, pois aprende a lidar com as diferenças com as realidades que antes não conhecia.

## **6. Considerações Finais**

Percebe-se que as discussões de como deve ser o ensino-aprendizagem tem-se agravado nas últimas décadas. Parte-se, como foi observado da realidade do educando, da ideia que o educador também é aprendiz dessa realidade. Assim, o sistema educacional deveria favorecer a compreensão dos fatos e mudanças ocorridas nos novos tempos.

Antes, para ser um bom educador, bastava saber transmitir conhecimentos e exercer autoridade em sala de aula. Hoje, o perfil desse educador mudou. Com relação ao conhecimento, ele não deve mais transmiti-lo, apenas. Deve interagir, discutir e aprender junto com o educando. Até pouco tempo, o mestre estava em um plano acima do educando. Não pode mais ser assim. O aluno agora é que deve ser o centro, mas

deve haver limites. Além dessas características, o professor tem que estar muito bem informado. Não se exige mais conhecimento enciclopédico, entretanto, ele deve manter-se ligado a toda e qualquer informação.

Conclui-se que houve mudança no papel do professor e também do aluno. O professor deve estimular amplamente a busca de novos conhecimentos, ou seja, atualizado e reciclado de acordo com as mudanças tecnológicas, sociais, culturais, econômicas e políticas.

Percebe-se que a formação do professor também deixa muito a desejar. O educador não está preparado para esses novos tempos. Muita coisa mudou, mas não o suficiente. Existem dificuldades para colocar em prática as novas concepções e os novos modelos. É preciso estar aberto às novidades e procurar diferentes métodos de trabalho, mas sempre partindo de uma análise individual e coletiva das práticas.

Cabe à administração das instituições de ensino acompanhar, vigiar o ensino-aprendizagem. Como educadores de apoio, os responsáveis pela administração devem garantir as condições e os suportes necessários para a nova relação Professor-Aluno.

É preciso construir uma relação com os alunos e entre eles de forma a criar um ambiente onde todos sejam respeitados em suas diferenças: não permitindo que zombem um dos outros; ouvindo as idéias de cada um com atenção, fazendo com que todos participem das atividades propostas.

### **Referências Bibliográficas**

AQUINO, Julio Gropa. **A relação professor-aluno: do pedagógico ao institucional**. São Paulo: Summus, 1996.

ARROYO. Miguel. **Educação das camadas populares. Educação de jovens e adultos trabalhadores em debate**. São Paulo: CEDI, 1998.

BEHRENS, Marilda Aparecida; JOSÉ, Eliane Mara Age. **Aprendizagem por projetos e os contratos didáticos**. Revista Diálogo Educacional - v. 2 - n.3 - p. 77-96 - jan./jun. 2001.

BRASIL. **Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

COELHO, T. **Humanidades: um novo curso na USP**. São Paulo, 2001.

DEWEY, John. **Pedagogos y pedagogias**. Revista Educación Hoy. Revista de la Confederación Interamericana de Educación Católica, Bogotá, D. C.: Colombia. CIEC. Nº...(91-102). 2003.

FAZENDA, Ivani C. Arantes. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. São Paulo: Papyrus, 1999.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 20 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Educação e mudança**. 30ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

GUSDORF, Georges. **A agonia da nossa civilização**. São Paulo: Convívio. 1978.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1991.

NOGUEIRA, Eliete Jussara; PILÃO, Jussara Moreira. **O Construtivismo**. São Paulo: Loyola, 1998.

NÓVOA, Antonio. (coord). **Os professores e sua formação**. Lisboa-Portugal: Dom Quixote, 1997.

\_\_\_\_\_. **Refletindo sobre educação continuada**. Revista Nova Escola. Agosto/2002.

PERRENOUD, P. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

PILÃO, Jussara Moreira. **O Construtivismo**. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

SCHÖN, Donald. **Os professores e sua formação**. Portugal: Dom Quixote, 1997.

SNYDERS, George. **Alunos felizes**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

VEIGA, I. P. A. et al. **Escola: espaço do projeto político-pedagógico**. 4 ed. Campinas: Papyrus, 1998.

ZAGURY, Tânia. **Relação educador/aluno**. Disciplina Saber. Revista Pátio, ano 2, nº 8, 1999.